

07-02-2025

MARIA CÉLIA

Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Antes de me despedir de Juca e seu Tião, parei na lojinha de artesanato do Campinho e comprei uma boneca preta de pano (eu nunca tinha visto uma antes). Meu referencial eram as bonecas catarinenses louras, de olhos azuis, que todas as meninas de minha infância *talhada-para-o-nazi* me mostravam. Seu Tião me deu a dica: *leva aquela que representa a Maria Luiza, uma de nossas antecessoras quilombolas*. Escolhi na hora porque, como vocês já sabem, o nome Maria caminha comigo todo o tempo. Na hora pensei: *a primeira moça que eu simpatizar vou apresentá-la à Maria Luiza*. Por volta de duas da tarde eu estava na estrada. Meu destino era Macaé, ainda no Rio de Janeiro. Eu tinha decidido que não passaria em nenhuma capital. Saí de Floripa, capital tudo bem, mas era minha origem e, portanto não tinha como evitar. Passei batido de Curitiba, São Paulo e assim fiz com o Rio. Àquela altura, meu lance era o litoral e seus sítios de pertencimento.

De Paraty a Macaé eram mais ou menos 430 km. Achei que aguentaria o tranco. Doce ilusão. Quando cheguei a Itaboraí, por volta de 10 horas da noite, eu estava morto. Um morto excitado com a cabeça fervendo, mas morto. E o pior, meu Celtinha estrebuchava que até fiquei preocupado. Dormi. Dormi num posto da estrada num desses hotéis que só recomendo quando a gente está com sorte. E era o meu caso. Eu nunca havia conhecido alguma menina ou mulher chamada Célia. Mas naquela noite, muito agitada, eu acordava dizendo: *cara, tua vida está mudando*. E me vinha o nome Célia, que não tinha nada a ver com coisa nenhuma. Eu sentia (e sabia) que tinha aprendido em menos de uma semana muito mais da vida do que nos meus quase 30 anos. Um corretor de imóveis bem sucedido e, de repente, Célia. Rumo ao desconhecido? Célia.

Quando finalmente acordei de verdade, por volta das 5 e meia da manhã (ainda estava meio escuro), eu só me lembrava do quilombo e para onde eu precisava ir. 140 quilômetros até Macaé era moleza. Calculei chegar por volta das 9 e meia. Bingo! Cravei.

Meu Celtinha ria sozinho... (percebi mas não me perguntem como). Macaé era um entreposto Petrobrás. Logo, conversando com algumas pessoas no posto de gasolina e na rua, vi que eu teria dificuldades de buscar meus sítios de pertencimento e resolvi seguir adiante. Cheguei a Quissamã, uns 60 km subindo minha trilha planejada. Já no centro da cidade, vi a padaria, dessas que a gente gosta de entrar, por causa do cheiro de pão saindo do forno.

Aliás, nem entrei, pois numa das duas mesinhas do lado de fora ainda serviam o café da manhã. Tinha fome. Pedi meu café com leite, pão e manteiga e dois ovos fritos com a gema mole. Ela, lindamente uniformizada, com um sorriso do tamanho do Sol, que já começava a se repensar no tempo da manhã (devia ser 10 horas), me disse: *não costumamos servir ovos fritos, mas vou ver se consigo...*

Enquanto ela não voltava com a encomenda caiu minha ficha: *Célia - é Ela*. Quando ela voltou, após uma eternidade comparável às grandes noites de insônia, ela, mais solar ainda, disse: *consegui seus ovos, eu mesma fiz!* Se eu tivesse jogado na loteria durante a minha viagem eu teria ficado rico e nem, talvez, estivesse aqui contando essa viagem, eu estava, realmente, com muita sorte! Falei: *muito, muito obrigado, posso tentar adivinhar o seu nome? Pode*, ela disse...

Seu nome é Célia!! Ela deu uma gargalhada e eu tive certeza de meu sonho premonitório. Acho que nunca ri tanto com uma pessoa no mesmo diapasão, feliz que eu estava. *Me chamo Luziane*. Nem sei se existe a palavra sem-gracice, mas considerem sua existência.

Com a fome apagando meus sentimentos de óbvio e ridículo fiquei mudinho e engoli o maravilhoso café da manhã que, independentemente da frustração, foi minha salvação para continuar viagem. Agradei à Luziane, tentando esconder meu sorriso amarelo e fui. Quissamã é uma cidade interessante. Parei numa praça e fiquei pensando o que fazer. Ainda era cedo. Sigo viagem? Puxo conversa? Resolvi ir a um posto de gasolina dar um banho no meu companheiro de viagem. Nessa altura, uma semana rodando, ele estava imundo. Tinha um carro lavando, um esperando e eu. O motorista que estava esperando viu minha placa de São José (SC) e perguntou pra onde eu ia. Pronto, pensei, minha sorte voltou! Tentei ser rápido com aquela ladainha sobre pra onde eu ia e qual era a minha pesquisa. Acho que demorou uns 3 minutos e ele entrou no lava-carros. Só ouvi duas palavras que, de imediato, anotei, Jurubatiba e Machadinho ou Machadilha, na hora fiquei em dúvida. Ali fiz meu roteiro como um fantasma no cemitério sem saber a campa onde acampar. Voltei à praça e fiquei treinando as duas palavras. Foi a primeira vez na viagem que me senti completamente só (que meu Celta não penetre meus pensamentos). Olhando ao léu, súbito um menino de uns dez anos com um isopor chegou perto e perguntou se eu queria sorvete. Escolhi de amendoim e tasquei: *você conhece o machadinho?* Quando ele disse que não puxei da memória com medo de errar: *e Jurubatiba?* *Eu moro lá perto, é pra lá* e saiu feliz com a venda do sorvete. Segui o dedo do menino e cravei na memória. Na hora lembrei de um livro que eu tinha lido com idade próxima a dele: *O menino do dedo verde, de Maurice Druon*. Nunca esqueci do autor, nem do livro.

■ ■ ■